

A (des)informação do bajubá: fatores da linguagem da comunidade LGBT para a sociedade

Héilton Diego LAU¹

Resumo

A fala é tida como social, pois a utilizamos de várias formas em vários momentos, ora sendo formais, ora sendo informais. A comunidade de lésbicas, gays, bissexuais, transexuais e travestis – LGBT – possui termos e terminologias quando sujeitos desta estão reunidos. A partir disso, pretendemos utilizar o dicionário, no qual, para a comunidade citada, tudo se transforma no feminino, ou seja, “a dicionária”, que abarca algumas definições dos termos regionais e nacionais como suporte para melhor compreensão, juntamente com alguns recortes extraídos de alguns *podcasts* do programa *Las Bibas from Vizcaya*, nos quais são mostrados termos e definições do mesmo apresentado por travestis e/ou transexuais. As terminologias oriundas do Iorubá, linguagem religiosa africana do Candomblé, é a origem do dialeto utilizado pela comunidade LGBT, o Bajubá. Esta pesquisa é sustentada teoricamente por Bagno (1999), Calvet (2002), Rampton (2006), entre outros.

Palavras-chave: Comunidade LGBT. Dialeto. Gíria. Representação.

Abstract

The speech is considered social because we use it in various ways at various times, and sometimes formal, sometimes being informal. The community of lesbians, gays, bisexuals, transsexuals and transvestites –LGBT –have terms and terminologies when this subject are gathered. From this, we intend to use the dictionary, in which, for the aforementioned community, everything changes in the female which includes some definitions of terms such as regional and national support for better understanding, along with some clippings extracted from some podcasts *Las Bibas from Vizcaya* program, in which are shown the same terms and definitions presented by transvestites and / or transsexuals. The terminology derived from the Yoruba, Candomble African religious language is the origin of the dialect used by the LGBT community, Bajuba. Bagno (1999), Calvet (2002), Rampton (2006) supports this research theoretically, among others.

Key words: LGBT community. Dialect. Slang. Representation.

¹ Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Linguagem, Identidade e Subjetividade pela Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG). E-mail: heliton.diego@hotmail.com

Introdução

A comunidade de lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais – LGBT – possui uma forma de se comunicar denominada Bajubá. Essa linguagem que a comunidade utiliza é proveniente do Iourubá, linguagem utilizada em rituais sagrados do Candomblé.

Neste trabalho, o nosso foco é analisar as falas extraídas das apresentações do programa *Las Bibas From Vizcaya*, via mídia gênero *podcast*, uma nova mídia de programa de rádio que pode ser ouvido pela internet ou baixado no MP3 player no som do carro ou até mesmo no celular, mostrando a forma e utilização da linguagem da comunidade LGBT neste programa.

O viés desse trabalho “[...] nasceu primordialmente da insatisfação com os modelos teóricos da Linguística Formal e incorporou noções que faltavam nos procedimentos investigativos da Linguística Tradicional” (SHEPHERD & SALIES, 2012, p. 19), ou seja, a Sociolinguística. Esta, trabalha com a língua/linguagem ativamente na sociedade.

1 As línguas faladas no Brasil, segundo a Sociolinguística

Para nos comunicarmos oralmente, utilizamos a Língua Portuguesa Brasileira, para nos comunicarmos de forma sinalizada, utilizamos a Língua Brasileira de Sinais – Libras – ambas oficiais do Brasil, e com o mesmo objetivo: comunicação. A utilização destas pode ser de duas formas: formal e informal.

Utilizamos diversas formas para nos comunicarmos em diferentes ambientes. Por exemplo, em um congresso/palestra o/a proponente utiliza uma linguagem mais polida, diferente da que utilizamos em uma roda de amigos. A mesma forma ocorre na Libras: sinalizamos como a gramática da própria língua é pregada. Por exemplo, a frase em português “Eu gosto de maçã”, na Libras é sinalizada da seguinte forma: “(EU) MAÇÃ GOSTAR²”. Um sinal informal que é muito utilizado na Libras é o sinal de

² A forma transcrita da Libras ainda é utilizada em letras maiúsculas, denominado glosas, pois ainda o Sign Writing, escrita de sinais, está em desenvolvimento. Para maiores informações a respeito da Libras, leia *Libras: aprender está em suas mãos*, de Eliziane Manosso Stiechen (2013).

LADRÃO: “[...] na Libras é varrer/passar a língua na bochecha duas vezes de trás para frente com a boca levemente aberta” (STREIECHEN, 2014, p. 87). Ou seja, a língua é viva, e utilizamos diversas linguagens para nos comunicarmos. A Linguística possui um viés que trabalha com isso, a Sociolinguística.

A sociolinguística é uma área que estuda a língua em seu uso real, levando em consideração as relações entre a estrutura linguística e os aspectos sociais e culturais da produção linguística. Para essa corrente, a língua é uma instituição social e, portanto, não pode ser estudada como uma estrutura autônoma, independente do contexto situacional, da cultura e da história das pessoas que a utilizam como meio de comunicação (CEZARIO & VOTRE, 2009, p. 141).

Os autores explicam a questão da variação na língua, e que isso deve ser levado em conta durante a análise. “Um de seus objetivos é entender quais são os principais fatores que *motivam* a variação linguística, e qual a importância de cada um desses fatores na configuração do quadro que se apresenta variável” (Ibid, grifo dos autores).

Em nosso cotidiano, percebemos as diversas gírias que os jovens e adolescentes falam e criam. Um exemplo é a omissão do plural no substantivo como, por exemplo, “As menina”, entre outros. Tudo isso abarca a questão da sociolinguística, pois ela estuda a questão da língua falada através de um recorte de um determinado contexto.

Com isso, através do viés histórico, em 1966 quando houve o congresso seminal de Yeshiva, foram incumbidas formas de trabalhar questões do ponto de vista social e ético em populações e comunidades taxadas como não modernas. Diante disso, através do viés sociolinguístico e discussões acerca disso, foram levantadas dicotomias, principalmente sobre as relações entre as crianças e a escola (cf. Rampton, 2006, p. 110). Percebemos ainda hoje a grande “briga linguística” entre casa *versus* escola, homogêneo *versus* heterogêneo, ao tipo de organização social; quanto ao modo de expressão temos oral ou letrado, concreto ou abstrato, entre outros; e quanto a categorias sociais: branco-negro, masculino-feminino, classe média-classe trabalhadora, entre outros, segundo Rampton (Ibid).

Ainda percebemos esses grandes entraves em nossa sociedade, principalmente pelo professor de língua portuguesa em que já há uma visão estereotipada do profissional da área dominar completamente a “norma padrão, a língua pura”, excluindo

as inúmeras variações que o Brasil possui. Honorio desconstrói o mito da unidade da Língua Portuguesa Brasileira: “1) a língua portuguesa não é homogênea; 2) saber *sobre* a língua não significa *saber* a língua; 3) escrita e oralidade não se sobrepõem. [...] a língua não se movimenta no vazio, vai sendo construída nas práticas sociais” (HONORIO, 2009, p. 90, grifos da autora). Não há norma padrão! Nas palavras de Bourdieu:

O que circula no mercado linguístico não é “a língua”, mas discursos estilisticamente caracterizados, ao mesmo tempo do lado da produção, na medida em que cada locutor transforma a língua comum num idioleto, e do lado da recepção, na medida em que cada receptor contribui para *produzir* a mensagem que ele percebe e aprecia, importando para ela tudo o que constitui sua experiência singular e coletiva (BOURDIEU, 2008, p. 25, grifo do autor).

Percebemos que as gírias, as formas de expressão verbais e não-verbais não são observadas e analisadas diariamente, mostrando seu valor e importância para a sociedade, muitas vezes *menosprezadas* pela “forma padrão”, sendo esta considerada a única e verdadeira maneira de se falar, ignorando a identidade dos sujeitos que utilizam uma determinada forma de comunicação de lado. Para Calvet, “[...] a divisão das formas linguísticas em línguas, dialetos e patoás é considerada, de maneira pejorativa, como isomorfa a divisões sociais que por sua vez também se fundam em uma visão pejorativa” (CALVET, 2002, p. 67-68).

A identidade é caracterizada pela formação social. Ninguém é exclusivo, estamos recriando alguma coisa sempre, seja o nosso modo de se vestir ou nosso modo de falar. Orlandi (2005) denomina esse fenômeno de assujeitamento, pois tudo nos persuade, seja por meio da televisão, alguma propaganda de moda e até mesmo a religião. Bauman (2005) afirma que em nosso período pós-moderno, o sujeito não possui uma identidade fixa como uma rocha, ao contrário, possui uma identidade líquida que muda constantemente. Isso se dá pelo fato de o sujeito estar inserido e exposto a diversas “comunidades”, nas quais compartilhamos nossa identidade de diversas formas. Por intermédio dessas “comunidades”, o sujeito é refletido pelo “eu”, como Hall (2006) esboça: somos diferentes a todo momento, nossas identidades não estão fundidas em apenas um “eu”, mas sim em vários. Somos diversas pessoas em uma só, pois ora somos informais, ora formais, ora trabalhador, ora filho etc.

Para Rampton:

Em termos do comportamento e desenvolvimento humanos, as ideias clássicas sobre nossas ações e seus significados adquiridos com base em suas funções no sistema social foram substituídas pela visão de que o que fazemos tem um papel primordial em moldar os lugares onde vivemos, e, longe de sermos compreendidos como socializados com base nas normas de um grupo social cujo monitoramento subsequentemente nos mantém moralmente alinhados, há agora a compreensão de que nos “agrupamos” com base em uma grande quantidade de opções mutáveis, decidindo o que é correto ou errado para nós mesmos (RAMPTON, 2006, p. 113).

Por mais que as variações linguísticas sejam diversas, em cada região há um significado diferente para a linguagem, para as gírias e dialetos é a mesma coisa. Bourdieu fala da língua(gem) como “desvio individual em relação à norma linguística” (BOURDIEU, 2008, p. 25), ou seja, juntamente com a questão identitária do sujeito, não utilizamos uma forma de linguagem para nos comunicar.

Ben Rampton comenta a respeito da “comunidade de fala”, cujo termo foi questionado e estudado pela Sociolinguística, agora, tomado por duas direções: a primeira, “onde há uma análise em *close* da interação face a face em vários contextos e relações sociais muito bem estabelecidos tais como oficinas de trabalho, salas de aula e grupos profissionais de um tipo ou de outro”; e a segunda, “quando ela é analisada como uma representação semiótica nos discursos ideológicos que constroem e naturalizam agrupamentos muito grandes [...]” (RAMPTON, 2006, p. 115-116, grifo do autor). Calvet também discute sobre isso, mas ele denomina como “comunidade linguística”: “[...] onde se encontra a pertinência dessas diversas variações, através do tempo, do espaço ou dos estratos sociais [...]” (CALVET, 2002, p. 115).

1.1 As linguagens: o bajubá

O bajubá, linguagem utilizada pela comunidade LGBT, provém da língua religiosa pregada no Candomblé, o iorubá.

O iorubá é uma língua única, constituída por um grupo de falares regionais concentrados no sudoeste da Nigéria [...] e no antigo Reino Quero [...] hoje, no Benim, onde é chamada de *nagô*, denominação

pela qual os iorubás ficaram tradicionalmente conhecidos no Brasil (CASTRO, 2005, p. 3, grifo da autora).

Alguns termos do iorubá também são utilizadas na Umbanda como, por exemplo, “erê” que é criança, já para a comunidade LGBT, a mesma palavra significa adolescente.

Os usuários da língua que provém do iorubá, o bajubá, utilizam-na quando estão reunidos em suas “comunidades de prática” (cf. Rampton, 2006), muitas vezes para falar sobre determinado assunto, para que outros ao redor não saibam do que estão falando, como se fosse uma espécie de código. Alguns adolescentes utilizam gírias com a mesma finalidade.

Algumas expressões e termos que a comunidade LGBT utiliza não ficam presos somente a esta. Algumas pessoas, especialmente mulheres, também as utilizam quase no mesmo contexto. Por exemplo, quando nos remetemos à fofoca, a comunidade LGBT utiliza o termo “babado”, e, quando algumas mulheres estão reunidas utilizam este termo para se referir ao mesmo que a comunidade LGBT criou/adotou. O significado das gírias também varia de região para região.

Se entendermos a linguagem como tendo papel meramente subsidiário no significado e se compreendermos que o contexto local e histórico desempenha uma função constitutiva em vez de auxiliar na comunicação, fica difícil ver a *variação* como um arcabouço adequado para analisar os processos comunicativos no espaço social e no tempo. A sociolinguística laboviana dá por certa a identidade do sistema da língua e vê como sua tarefa descrever as partes e as propriedades do sistema que se ajustam a diferentes situações. Contudo, se estamos interessados no significado situado e vemos as pessoas envolvidas nele por meio da imersão em todas as particularidades contingentes de um contexto dado, a primeira coisa a fazer, se quisermos compreender a comunicação no espaço e no tempo, é tentar entender como as pessoas constroem objetos semióticos que se mantêm juntos tempo suficiente para ir de um contexto a outro, examinando a seguir que sentido as pessoas fazem de tais objetos quando são expostas a eles (RAMPTON, 2006, p. 118, grifo do autor).

As gírias utilizadas foram reunidas em um dicionário, porém, a comunidade LGBT adota a maioria das palavras ou quase todas elas no feminino, ou seja, ela

possui “a³ dicionária” que, em sua 24^a edição, possui 1300 verbetes reunidos de cada estado e de alguns países que utilizam o bajubá. O nome do livro que catalogou todos estes verbetes intitula-se Aurélio⁴, *a dicionária da língua afiada*, reunindo também alguns termos chulos e impróprios como os que os falantes utilizam normalmente. O dicionário, ou melhor, a dicionária, servirá de apoio como “tradutor” para os termos e expressões transcritos do *corpus* analisado.

2 As falas da comunidade LGBT via *podcast*

O programa analisado, *Las Bibas From Vizcaya* (doravante LBFV), está ao ar desde 20 de dezembro de 2005, geralmente com programas mensais, apresentados por travestis e/ou transexuais humoristas, os quais discutem em seu programa moda, comportamento, maquiagem, homem, entre outros. Em cada episódio, elas abordam um tema diferente, geralmente carregados pelas gírias da comunidade LGBT.

No segundo *podcast* de LBFV de 2005, Madame Superfly deu um conselho para uma determinada ouvinte, em seguida a apresentadora do programa disse:

Fragmento 1

Isso, eu gosto da minha produção porque ela é super rápida. Viu que a Madame Superfly não ia falar porra nenhuma, já jogou uma música travequíssima, já *jogou peruca*⁵ pra todos os convidados. Tá todo mundo aqui *batendo cabelo*⁶ e cantando [...]. [...] Olha, a gente vai agora, tá, para uma minissérie que é babado⁷ (grifos meus).

Podemos perceber a utilização de alguns termos das gírias da comunidade LGBT, os quais, se fossem interpretados através de seus significados na Língua Portuguesa Brasileira ou através do dicionário Aurélio, por exemplo, não fariam sentido algum. Para entendermos o que as apresentadoras estão falando no programa, temos

³*Art.def.f.* No mundo gay, o artigo definido feminino é, em muitos casos, anteposto a substantivos próprios ou comuns do gênero masculino, sendo que, no caso dos comuns, o substantivo ele próprio também passa, se possível, para o feminino, criando-se um neologismo.

⁴*S.f.1.* Bicha metida a conhecedora profunda do bajubá, jurando que sabe de tudo; **2.** Bicha filóloga, lexicóloga, eloquente, googleóloga, control-efóloga, eustômica, disléxica, prolixa e extremamente divertida; **3.** Bicha rica, dona de ilha, que não tem medo de comprar os maridos, uns seixas; **4.** Meu cu.

⁵*Expr.* Virar a cabeça, mudando os cabelos de lado, tal como as loiras fazem, só que de um modo um pouco mais inteligente e com a intenção de menosprezar ou ignorar alguém.

⁶*Expr.* Dar muita pinta durante a dancinha poperô.

⁷*S.m.* **1.** Acontecimento qualquer, podendo tanto ser bom como mau; **2.** Bas-fond; **3.** Caso amoroso e/ou sexual.

necessariamente que entender o significado das gírias da comunidade LGBT utilizadas.

Em vez de ver o uso da linguagem simplesmente como manifestação do sistema, a *linguagem* como um conjunto de convenções sociais e estruturas mentais é somente um entre os vários recursos semióticos disponíveis para a produção e interpretação locais do texto. E, em vez de o sistema ser visto como o carregador principal do significado, o significado é analisado como um processo de fazer inferências no aqui e no agora, percorrendo todos os tipos de percepção, signo e conhecimento (RAMPTON, 2006, p. 117, grifo do autor).

No próximo *podcast* analisado, há duas conversas. Na primeira, entre a apresentadora e uma ouvinte, e na outra, entre um entrevistador e um entrevistado, percebemos outras terminologias:

Fragmento 2

- E aí, Jolie, me conta tudo!
- O que você quer saber, gata?
- Eu quero saber quem é Marília Gabriela.
- Marília Gabriela é uma amiga, ela tá colocada, mona⁸.
- Ai, tá amarrado em nome de Jesus!

A gente vai seguir, e a própria Jhonny Luxo segue uma entrevista super íntima com um cafuzuzinho⁹ super perdido na boate! Aloka!

Vamo ver o que a Johnny tem pra gente.

- O que você faz?
- Faço tudo.
- É ativo ou passivo?
- Ativo.
- É boa a neca¹⁰?
- Razoável (grifo meu).

Notamos na primeira parte da conversa, uma forma diferente, similar a um sinônimo, dentro da comunidade LGBT, para designar o sujeito homossexual, gay em que esses termos são mais comuns. A apresentadora também faz uso do artigo definido no feminino para se referir a um homem, o qual na comunidade LGBT e segundo a dicionária Aurélia é muito utilizado para se referir ao sujeito masculino como uma

⁸(do *bajubá*) *S.f.* O termo originalmente designa mulher, mas é frequentemente usada para denominar homossexual masculino.

⁹*S.m.* (NE) **1.** Diz-se de quem tem um estilo de vida baranga, não importando raça, credo, profissão, classe social ou país de origem; **2.** Diabo; demônio; **3.** Roceiro asselvajado; peão; **4.** Indivíduo grosseiro, inábil, sem modos e sobretudo deselegante; **5.** *Adj.* Relativo ao cafuzu e a seu modo de ser.

¹⁰(do *bajubá*) *S.f.* Pênis.

forma diferente da própria linguagem. Também notamos outra forma que eles/elas têm para se referir a homem: *cafuçu*, no caso da fala da apresentadora, no diminutivo. Também é percebida uma terminologia que não foi encontrada na dicionária: “Aloka!”, esta, escrita dessa forma na internet, sugere que o sujeito “faz a louca”, ou seja, faz barraco, dá vexame, quer ser o centro das atenções.

Antes da entrevista da Jhonny, a apresentadora fala de uma maneira que algumas pessoas e a gramática “condenam”, pois não está conjugando da forma que a gramática da Língua Portuguesa Brasileira impõe: a forma do verbo *ir* na primeira pessoa do plural: *vamos*, onde a apresentadora falou *vamo*. Bagno comenta acerca disso: “[...] ‘erro de português’ é, na verdade, mero desvio da ortografia oficial” (BAGNO, 1999, p. 122). Nem sempre falamos como a gramática prega, pois a língua está viva e nós, falantes dela, mudamos constantemente sem ao menos notar isso, só percebemos quando a mudança já está sendo utilizada. Um exemplo disso é a troca do pronome “nós” por “a gente”, que é mais utilizado na fala, escrito na forma singular, mas dando a ideia de plural.

As línguas mudam todos os dias, evoluem, mas a essa mudança diacrônica se acrescenta uma outra, sincrônica: pode-se perceber numa língua, continuamente, a coexistência de formas diferentes de um mesmo significado. Essas *variáveis* podem ser geográficas: a mesma língua pode ser pronunciada diferentemente, ou ter um léxico diferente em diferentes pontos do território (CALVET, 2002, p. 89, grifo do autor).

Marcos Bagno ainda defende a forma que a apresentadora utiliza a Língua Portuguesa Brasileira:

Quando falamos (ou escrevemos), tendemos a nos adequar à situação de uso da língua em que nos encontramos: se é uma situação formal, tentaremos usar uma linguagem formal; se é uma situação descontraída, uma linguagem descontraída, e assim por diante. Essa nossa tentativa de *adequação* se baseia naquilo que consideramos ser o grau de *aceitabilidade* do que estamos dizendo por parte de nosso interlocutor ou interlocutores (BAGNO, 1999, p. 130, grifos do autor).

Ou seja, a forma que ela está falando não está errada, pois o programa que ela comanda é de entretenimento, pressupondo, algumas vezes, que a fala não é programada e a mensagem que ela quis passar foi transmitida. Quase no final da entrevista transcrita

encontramos um novo sinônimo para designar o órgão sexual masculino, segundo a comunidade LGBT.

Nopodcast número 7 de LBFV, a apresentadora faz um programa especial sobre a cantora Madonna, esta, considerada a diva de muitos membros da comunidade LGBT:

Fragmento 3

Deu a cagada que tinha um produtor lá também, que viu ela esfuziante no salão. Pronto, na hora ela já foi pro banheiro, ela fez um acusete, um boquete, montou o que podia lá no banheirón¹¹ e já saiu de lá com o contrato assinado. [...] Bem, miguxinhas¹², a gente vai fechar esse Podcast Especial Madonna, né, eu acho que é a música clave da carreira da racha¹³, né, ela é realmente a que conseguiu fazer um hit que vai ficar pra história, né? Acho que é a música mais gay da Madonna, acho que é um dos íconos (sic) do mundinho gay, também, né? Qual foi a trava, travesti¹⁴, a rachinha, a amapô¹⁵ que nunca fez show com Vogue?

Podemos notar na fala da apresentadora o termo “miguxinhas” que, segundo a dicionária Aurélia, abarca vários termos, tanto para designar características negativas quanto positivas para o sujeito. Como de início já comentamos que o programa é humorístico, pressupomos que este termo utilizado descreve uma característica positiva para os/as ouvintes.

No universo heterossexual ouvimos muitos falar “viado”, “bichinha” para algo ruim, inferiorizando a orientação do sujeito homossexual. No universo gay, os próprios sujeitos se chamam de “viado” em determinados contextos, para chamar a atenção dele, por exemplo, sem menosprezar. Porém, neste mesmo universo há membros que utilizam termos considerados pejorativos, como no caso da fala da apresentadora os termos “racha/rachinha” em que se refere ao órgão sexual feminino (vagina), mas também ao próprio sujeito feminino (mulher). Mas também, ela fala um termo utilizado pela comunidade LGBT para designar mulher, como “amapô”, este mais utilizado sem ter conotação pejorativa.

¹¹S.m. Lugar de serviço público, define-se como um banheiro festivo com diversas finalidades, entre elas o uso de drogas, conversas e sexo; banheiro com função ou pegação.

¹²S.m. (SP) **1.** Amigo falso; **2.** Bicha pentelha, usuária de expressões ridiculamente infantilizadas, como “adogo”, “tô tliste”, “qué leitinho”; **3.** Amigo íntimo.

¹³S.f. **1.** Vulva; vagina; **2.** (pejorativo) Mulher.

¹⁴S.c.2g. Homossexual que se veste e se comporta como mulher, quer faça programa ou não. Alguns travestis implantam silicone nos seios e outras partes do corpo, mas ainda possuem pênis; o travesti que passou por cirurgia para retirar o pênis passa a ser *transexual* ou *operada*.

¹⁵(do *bajubá*) S.f. [var. de *amapoa*]. **Amapoa** – (do *bajubá*) S.f. **1.** Vagina; órgão sexual feminino; **2.** Termo usado para designar mulher [var. *amapô*, *mapô*].

Considerações finais

A variação linguística na Língua Portuguesa Brasileira é inumerável e mutável a todo momento. Percebemos na fala dos nossos avós, pais e na criação de gírias e expressões que criamos/adotamos para falar sobre determinado assunto. Também mudamos o conceito de determinada palavra, muitas vezes de baixo calão, chulo e adotamos como expressão, também pejorativa.

A comunidade LGBT possui várias formas de falar, como as gírias de adolescentes e até algumas encontradas na internet, como uma espécie de código em que, em alguns casos, poucos entendem, e muitas vezes acabam se espalhando. No caso da comunidade LGBT, foi criado “a dicionária” que pressupomos ser um livro para consultas das gírias dessa “comunidade de fala” para entendermos um pouco mais sobre o falar deles/delas, mas que não está desvinculada de uma das línguas oficiais do país. Calvet comenta:

[...] não existe razão linguística alguma para considerar a gíria como uma forma separada da língua. Todos os *corpora* de gírias nos mostram que essas formas diferem essencialmente da língua padrão por seu léxico, e essas diferenças lexicais baseiam-se em princípios produtivos que são estritamente os da língua (CALVET, 2002, p. 112, grifo do autor).

Podemos perceber a importância da variação na Língua Portuguesa Brasileira, pois mostra como ela sempre está viva e, mais ainda, o conhecimento de uma nova forma de variação da comunidade LGBT, com seus traços africanos juntamente com uma das línguas oficiais do país. É importante destacar que a utilização dela não é errada, pois como Bagno (1999) afirma, tudo depende da situação em que você se encontra.

Referências

- BAGNO, Marcos. **Preconceito linguístico**: o que é, como se faz. 9. ed. São Paulo: Loyola, 1999.
- BAUMAN, Zigmunt. **Identidade**: entrevista a Benedetto Vecchi. Rio de Janeiro: Jorge

Zahar, 2005.

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas linguísticas**: o que falar quer dizer. 2 ed. São Paulo: EDUSP, 2008.

CALVET, Louis-Jean. **Sociolinguística**: uma introdução crítica. São Paulo: Parábola, 2002.

CASTRO, Yeda Pessoa de. A influência das línguas africanas no português brasileiro. In: Secretaria Municipal de Educação – Prefeitura da Cidade do Salvador. (org.). **Pasta de textos da professora e do professor**. Salvador: Secretaria Municipal de Educação, 2005.

CEZARIO, Maria Moura; VOTRE, Sebastião. Sociolinguística. In: MARTELOTTA, Mário Eduardo (Org.). **Manual de linguística**. São Paulo: Contexto, 2009.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HONORIO, Ceci-Maria Aparecida. Ensino de língua(s) e identidade: entre o real e o imaginário. In: CORREA, Djane Antonucci; SALEH, Pascoalina Bailon de Oliveira (orgs.). **Estudos da linguagem e currículo**: diálogos (im)possíveis. Ponta Grossa: EDUEPG, 2009.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. **Análise de discurso**: princípios e procedimentos. 6 ed. São Paulo: Pontes, 2005.

RAMPTON, Ben. Continuidade e mudança nas visões de sociedade em linguística aplicada. In: MOITA LOPES, Luiz Paulo da (Org.). **Por uma linguística aplicada Indisciplinar**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

SHEPHERD, Tania G.; SALIES, Tânia G. O princípio: entrevista com David Crystal. In: _____. (Orgs.). **Linguística da Internet**. São Paulo: Contexto, 2012.

STREIECHEN, Eliziane Manosso. **A aquisição da Libras por crianças ouvintes filhas de mãe surda em um contexto multilinguístico**: um estudo de caso. 2014. 130 p. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual do Centro-Oeste – UNICENTRO, Guarapuava-PR, 2014.

VIP, Angelo; LIBI, Fred. **Aurélia, a dicionária da língua afiada**. 24. ed. São Paulo: Editora do Bispo, 2013.

_____. **Las Bibas from Vizcaya**. Disponível em: <<http://lasbibasfromvizcaya.podomotic.com/>>. Acesso em: 05 jun. 2014.